

Título: Planície de inundação do rio Marangá (RJ): uso do solo e ocupação

Autor(es) Debora Rodrigues Barbosa*; Maria Luciene da Silva Lima; Juliana Valentim Chaiblich; Rafael Durães Barros

E-mail para contato: deborarod@gmail.com

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Área de Preservação Permanente; Bacia Hidrográfica; Uso e Ocupação da Terra; Faixa Marginal de Proteção

RESUMO

A degradação dos recursos hídricos constitui tema crescentemente valorizado em diversos tipos de diagnósticos e estudos de impactos ambientais. Os limites mínimos para Áreas de Proteção Permanentes (APP) nem sempre são respeitados, pois o processo de urbanização resulta em pressão antrópica diversa no ambiente de mata ciliar. O modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade contemporânea não tem levando em conta a degradação da biosfera e se apropria do espaço geográfico para se organizar social e economicamente, dominando a natureza e a modelando conforme o seu interesse. As inundações têm aumentado consideravelmente nas últimas décadas, principalmente na Cidade do Rio de Janeiro, onde a ocupação e uso insustentável do espaço geográfico é uma realidade e, por isso, o risco ambiental de inundações precisa ser considerado no desenvolvimento de políticas públicas e planejamento urbano. O Rio de Janeiro cresceu em torno do centro da cidade, gerando grande especulação no valor de propriedade dessa área, forçando a população de menor poder aquisitivo a buscar glebas mais baratas, muitas vezes, situadas em encostas e fundos de vales fluviais. Essas consequências podem ser observadas na bacia do rio Marangá, localizado na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, causando prejuízos sociais e econômicos para a população ribeirinha. O trabalho aqui proposto busca identificar o uso e ocupação na Planície de Inundação do rio Marangá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e suas relações com as inundações sazonais do rio principal e seus afluentes. Para a análise da bacia hidrográfica do rio Marangá, o trabalho foi desenvolvido em diferentes etapas. A primeira consistiu no levantamento bibliográfico, com busca de informações, junto aos principais órgãos ambientais e artigos científicos. A segunda etapa foi a aquisição das cartas plantas cadastrais 1:10.000 produzidas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2000. Em posse das mesmas, o passo seguinte foi destacar todos os rios que compõem a bacia do Marangá e delimitá-la, utilizando como limite os cumes e curvas convexas que a circundam. Para a delimitação da planície de inundação, busca-se o desnível altimétrico entre 0 e 20 metros, proposto por Silva (2003). Para a interpretação dos usos do solo, utilizou-se uma imagem de satélite Ikonos, de 2012, Natural Color (composição colorida das bandas R, G, B com resolução espacial de 1 metro). Para digitalização dos shapes e organização do mapa digital, foi necessário o uso do software de geoprocessamento Arcgis 10. A organização da legenda respeitou o procedimento metodológico de PCRJ (2007). O rio Marangá faz parte da bacia da Baía de Guanabara e estão previstas intervenções urbanas para contenção de inundações e despoluição, dentro do contexto dos Jogos Olímpicos de 2016. Em sua planície de inundação, a Área de Preservação Permanente tem sofrido amplo desmatamento e há crescente adensamento populacional, sobretudo ao longo do rio principal e seus afluentes. As populações ribeirinhas têm sofrido com as inundações que acontecem principalmente no verão, em especial, nos bairros de Realengo e Magalhães Bastos.